



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

O ESTUDO DO MEIO COMO METODOLOGIA PEDAGÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA (BNCC)

Dionísio Felipe Hatzenberger¹

Resumo

Educadores vêm se debruçando sobre o desafio de desenvolver metodologias pedagógicas que qualifiquem o aprendizado e coloquem o estudante no protagonismo de seu próprio aprendizado. Metodologias ativas é o título guarda-chuva para todas essas práticas. Estudar o mundo em contato com o mesmo é a proposta do estudo do meio, que possui também outras nomenclaturas. Apesar de contemplar em sua metodologia as saídas de estudo ou passeios pedagógicos, o estudo do meio não se resume a isso. Neste estudo são discutidos os conceitos de estudo do meio, viagem pedagógica e turismo pedagógico, conectando-os à concepção de educação pela experiência, discutindo essas práticas como meios para potencializar aprendizados significativos, visando atender ao desenvolvimento das Competências Gerais da Educação Básica, postuladas pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Ele destina-se à formação docente e continuada, objetivando a capacitação para uma prática pedagógica que englobe metodologias ativas e a interdisciplinaridade, dialogando com a legislação e com os documentos de currículo. A análise é fruto de uma pesquisa bibliográfica exploratória, de natureza qualitativa, referenciando-se em estudos multidisciplinares, das áreas da educação, das ciências humanas e do turismo. Além de discutir a teoria envolvida na aplicação dessa metodologia, levanta-se uma reflexão quanto às possibilidades de práticas de estudo do meio que contemplem as 10 Competências Gerais da Educação Básica, uma a uma. Essa proposta leva em conta possíveis locais de visita e como o professor pode conectar esses saberes com o desenvolvimento das Competências, por meio de um trabalho anterior e posterior à saída de estudo em si.

Palavras-chave: Estudo do meio, turismo pedagógico, metodologia, aprendizado.

INTRODUÇÃO

¹ Mestre Educação (UERGS). Licenciado em História, Especialista em Filosofia, com formação continuada em Ensino Religioso e Mediação de Conflitos. Membro da Associação de Professores de Ensino Religioso do Rio Grande do Sul (APER/RS) e redator do Referencial Curricular Gaúcho de Ensino Religioso. É Assessor do Núcleo de Formação Continuada da SEMD/Novo Hamburgo. Atua na educação básica nas redes municipais e particular e na educação superior, como professor e coordenador de cursos da Faculdade Sertão Central (UniFASEC).



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

Neste estudo serão discutidos os conceitos de estudo do meio, viagem pedagógica e turismo pedagógico, conectando-os à concepção de educação pela experiência, discutindo essas práticas como meios para potencializar aprendizados significativos.

Muito se fala sobre o engessamento das metodologias empregadas em aula na educação básica. Quando se trata de saberes históricos, geográficos, artísticos e de ciências naturais, por exemplo, o problema parece ser maior ainda. Há uma certa ideia formada de que o aprendizado dessas áreas se dá por metodologias exclusivamente teóricas e por meio da explanação com a ajuda da leitura de longos textos e análise de dados (em mapas, gráficos, tabelas, imagens, etc), pois estes são os meios comumente empregados.

Quando se trata dos anos iniciais do ensino fundamental, onde propõe-se uma introdução aos estudos do mundo social, cultural e físico, sabemos que por vezes eles ficam de muito aquém do ideal, relegados a um lugar (algumas vezes) obscuro, pela grande preponderância dos conhecimentos das áreas da linguagem, que ocupam parte central da prática da maioria dos docentes nesta etapa. Porém, a escola tem uma função social e política que vai muito além da necessidade ensinar a decodificar sílabas, palavras e textos. A escola precisa trazer ao estudante um conhecimento de mundo, que oportunize a este condições de inserir-se e de operar no mundo, como cidadão pleno.

A emergência de novas metodologias pedagógicas têm colocado em evidência a necessidade de “metodologias ativas”, que coloquem o estudante no protagonismo de seu próprio aprendizado e que possibilitem meios mais eficientes de construção dos saberes. É nesse contexto que o Estudo do Meio ressurge (e ressignifica-se) como uma ferramenta com um grande potencial pedagógico.

ESTUDO DO MEIO: UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Ficar na sala de aula falando e ensinando sobre o mundo pode não ser o meio mais atraente e eficaz de construir esses saberes. Que tal os estudantes aprenderem sobre o mundo no contato com o mesmo? Se vocês estão estudando a poluição dos rios,



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

por exemplo, que tal visitar as margens de um rio poluído? Essa é a ideia do estudo do meio (também conhecido como saída de campo e viagem pedagógica): conhecer as coisas no contato com elas mesmas.

Porém, é importante ressaltar que o Estudo do Meio é diferente do passeio escolar. Há professores que pensam que todo tipo de passeio é um estudo do meio ou viagem pedagógica, mas isso não é verdade. A diferença entre estudo do meio e passeio escolar está na intencionalidade pedagógica.

Um passeio escolar pode ser meramente recreativo. Um estudo do meio exige um objetivo e um planejamento pedagógico. Ele precisa estar conectado a temáticas e a um plano de estudos que faça sentido para os estudantes.

O objetivo de uma saída de estudo do meio precisa ser a aprendizagem do aluno. E a escolha de cada detalhe, desde o roteiro, o meio de transporte, a alimentação, o guiamento e outros aspectos são fundamentais para atingir esse objetivo.

Segundo, Piza (1992), o estudo do meio é uma das possibilidades de ações pedagógicas que a escola pode fazer uso visando a *“atingir os objetivos que o mundo contemporâneo exige de cada um de nós”* (PIZA, 1992). É uma atividade complexa que não tem início e nem fim em si mesma. Faz parte do planejamento do professor e passa por etapas anteriores e posteriores à saída em si. Piza (1992) formulou em três etapas que ocorrem após a escolha o centro de interesse, sendo elas:

a) Primeira etapa: Introdução do tema/assunto, com a preparação em classe pelos professores das diversas matérias, dentro de um plano integrado de ensino.

b) Segunda etapa: É a saída de campo em si. Nesta fase o aluno vai aos locais vivenciar, observar e conhecer o meio, em contato com documentos, prédios, pessoas, materiais, animais, entrevistas, análises, etc. É o momento da prática procedimental que se formata numa excursão, visita técnica ou viagem;

c) Terceira etapa: Elaboração dos conhecimentos. De volta à escola, o estudante explora os resultados por meio da apresentação de suas conclusões e isso



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

pode ocorrer em forma de seminários, dramatizações, portfólios, relatórios, áudio visuais. É também o momento da avaliação do aprendizado.

Portanto o Estudo do meio, mesmo que tenha como momento marcante e central a “saída de estudos”, não têm nessa o seu princípio ou fim, mas um meio para atingir objetivos de aprendizagem, visando a compreensão de temáticas já pré-elaboradas e que serão novamente retomadas em sala de aula após a experiência da visitação.

Interessante relacionar que o turismo, enquanto uma vivência lúdica, também assemelha-se à metodologia pedagógica acima. Pode-se verificar isso nos trabalhos do sociólogo Paulo Salles Oliveira Marcellino (2000), onde aponta-se três dimensões para a vivência do turismo: imaginação, ação e recordação:

- o imaginário antecede a viagem. É o domínio do sonho. A pessoa sai à procura de informações, folhetos, fotos, vídeos etc., tudo que lhe permita um referencial para “curtir” a viagem, por antecipação.
- O real é a vivência da viagem em si; e aqui os aspectos de surpresa e aventura que cercam a ruptura com o cotidiano são muito importantes.
- A recordação é o prolongamento da viagem, que não termina na volta. Quanto maior for o envolvimento, maior será o prolongamento em termos de recordações de imagens e sensações que, inclusive, extrapolam o nível individual do turista, e se “socializam” no círculo dos amigos e familiares, pelas narrativas, mostras de fotos, de vídeos etc.” (MARCELINO, 2000, p. 74).

Francisco de Castro Matos apresenta a relação entre estudo do meio e “turismo pedagógico”, demonstrando que ambos os termos fazem referência ao mesmo processo e apontando para evidências de um grande ganho em aprendizagem. Veja o recorte:

A escola deve e pode produzir conhecimento que vai além das teorias, da retórica e da aula puramente expositiva para que os aprendizes possam enfrentar a sociedade de forma a transformá-la de fato com a ideia de que, o acúmulo de conhecimentos oriundos de um processo caracterizado por ensino que o coloca como sujeito das ações educacionais, é o principal elemento de sua cidadania. Neste sentido, o turismo pedagógico guarda uma relação direta e indireta com o processo ensino – aprendizagem na medida em que se configura por meio de atividades didático - pedagógicas inseridas no currículo escolar, as quais se desenvolvem de forma a estabelecer relações com o conteúdo programático disciplinar, com o mundo externo da sala de aula de forma a promover de forma lúdica e dinâmica o êxito do processo pedagógico. Tais atividades denominam-se estudo do meio. O que a Pedagogia chama estudo do meio o turismo nomeia Turismo Pedagógico. (MATOS, 2012, p. 3-4)



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

Outro aspecto muito importante de se levar em consideração é a interdisciplinaridade que está implícita no estudo do meio. Há a necessidade de compreender-se que o mundo real não está fragmentado em “caixinhas”, tal qual as disciplinas escolares tentam demonstrar. Ao realizar-se uma viagem pedagógica (estudo do meio) obviamente depara-se com elementos e saberes que são próprios de várias áreas do conhecimento. Dificilmente um professor de uma disciplina específica conseguirá ficar apenas nos saberes propriamente do seu “conteúdo”. Nesse sentido, a parceria entre professores de diversas áreas é importante, ainda mais que a interdisciplinaridade é uma prática almejada e valorizada como potencializadora do aprendizado.

A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO PELA EXPERIÊNCIA

A concepção de educação pela experiência conecta-se perfeitamente com a prática de estudos do meio (ou viagens pedagógicas). Sendo essa prática uma das possíveis dentro da abordagem de uma educação que privilegia a experiência.

A busca por metodologias educacionais ativas, que conduzem à aprendizagem efetiva e significativa não é assunto novo no meio escolar. A dificuldade, porém, parece-nos estar na distância existente entre a teoria acadêmica e a prática docente escolar. A grande dificuldade de trabalhar conceitos abstratos com crianças nos anos iniciais está exatamente na dificuldade de abstração nesta fase do desenvolvimento humano. Assim, todo tipo de metodologia educacional que parta do concreto para o abstrato, facilita a construção destes saberes.

Neste sentido, a educação pela experiência pode constituir-se como uma excelente proposta de aprendizado. No parágrafo abaixo, podemos perceber, nas palavras de Foucault, o poder transformador da experiência para o ser humano:

Uma experiência é uma coisa da qual alguém sai transformado. Se eu tivesse de escrever um livro para comunicar o que eu já pensava antes de ter começado a escrever, nunca eu teria coragem para fazê-lo. Só escrevo porque ainda não sei exatamente o que pensar disso que eu gostaria tanto de pensar. De modo que o



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

livro me transforma e transforma o que penso. Cada livro transforma aquilo que eu pensava ao concluir o livro precedente. Eu sou um experimentador e não um teórico (FOUCAULT, 2006, p. 41-42).

A experiência, enquanto vivência humana complexa, exerce um papel profundo de envolvimento para a pessoa. Não é apenas uma frase que ouviu-se ou um conceito que memorizou-se. A experiência envolve muito além da linguagem e da memória. Ela perpassa os cinco sentidos humanos e portanto ganha sentido profundo e torna-se uma aprendizagem significativa.

Larrosa, em seu artigo “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, nos afirma:

A experiência, possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 24).

Portanto, percebe-se que a experiência permite muito mais do que a contemplação, passando pela reflexão, pelo estranhamento frente à realidade e por fim, estabelecendo novos parâmetros, novos sentimentos, pensamentos, opiniões e formas de pensar a realidade.

Ao realizar a visita a um espaço, conhecer um museu, observar uma peça, transitar por um bairro histórico ou simplesmente observar uma paisagem, nossos olhos se abrem para o mundo em si. Na comparação entre as tecnologias e culturas do passado e do presente, nossas mentes podem elaborar suas próprias teorias do desenvolvimento humano, criando um imaginário próprio quanto aos feitos do passado e do presente, baseado nos dados observados. Tudo isso acontece muito rápido, dentro de nossa mente, sem texto ou questionário, sem quadro negro ou prova, nós simplesmente reinventamos a história para nós mesmo. E isso é o que podemos chamar de ato educativo profundo.



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

Este movimento interno mental, do ser diante das coisas reais, é o que constitui saberes reais. Como escreveu Paulo Freire: “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros.” (FREIRE, 1975, p. 66).

Se aprendemos mediados pelo mundo, na relação uns com os outros e com as coisas, certamente este movimento de experimentar novas realidades, por meio de vivências e lugares diferentes, irá, por vezes, confrontar nossas próprias verdades e nossa identidade. Ao final de uma experiência - vivência - jamais saímos iguais ao momento em que chegamos. Como discorre Pagni, no parágrafo abaixo, nosso discurso de verdade sempre é um pouco modificado pela experiência:

De fato, o aprendizado da e pela experiência interpelaria o habitualmente pensado e os significados instaurados pela linguagem corrente, perturbando o discurso de verdade e o sujeito idêntico a si mesmo [...], fazendo os seus sujeitos pensarem, se distendendo e problematizando a sua pretensão de abarcamento da realidade (PAGNI, 2010, p. 25).

Por vezes esta mudança de discurso é tão grande que modifica também a identidade de uma pessoa. Agora conhecendo o antes era novo, por vezes nos apropriamos dele, passamos a possuí-lo - conforme a ideia de “patrimônio”. A paisagem antes distante, agora pode se tornar “minha cidade”. O prédio bonito, antes imaginado como lugar da elite, agora pode se tornar “meu patrimônio histórico”. O museu, antes visto como lugar de “coisa velha”, agora pode se tornar “parte de minha história”. O parque municipal, antes desconhecido, agora pode se tornar “meu lugar de lazer”. A zona de preservação ou rural, antes vistos como “mato”, agora podem se tornar “refúgio natural”.

Trabalhar conceitos abstratos, como patrimônio, paisagem, território e cidadania, pode se tornar muito mais leve e fácil se simplesmente sairmos de dentro da sala de aula em direção ao mundo externo que imediatamente a cerca: a cidade. O simples exercício de andar pelo bairro, observar a paisagem, um arroio, um casarão ou um comércio, já pode ser o início de uma bela experiência pedagógica, se houver um guiamento cheio de intencionalidade.



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

O ESTUDO DO MEIO E AS COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA (BNCC)

A BNCC (BRASIL, 2017) define 10 competências gerais que servem como metas a serem desenvolvidas no decorrer da Educação Básica. O trabalho pedagógico por meio do estudo meio (viagens pedagógicas) pode colaborar para o desenvolvimento de todas essas habilidades. Nessa seção demonstra-se por meio da exemplificação algumas possibilidades de viagens pedagógica e de abordagens a partir destas, como podemos verificar no quadro abaixo:

Quadro 1: Possibilidades de Estudo do Meio com relação às Competências Gerais

Competência Geral (BNCC)	Exemplificação de Estudo do Meio (viagem pedagógica):	Algumas possibilidades de desenvolvimento do conteúdo e atividades posteriores:
1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.	Viagem pedagógica a museus, templos, pinacotecas, bibliotecas. Saídas a lugares históricos e/ou eventos culturais.	Compreensão do desenvolvimento histórico da cidade, Estado e País. Análise das contradições históricas e das injustiças que precisam ser sanadas na sociedade.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.	Viagem pedagógica a museus de ciências, máquinas, utensílios domésticos industriais e/ou rurais. Conhecer indústrias, propriedades agrícolas e/ou de mineração.	Observar as mudanças geradas pela tecnologia e o avanço das técnicas. Pensar em problemas sociais que precisam de solução, por meio da pesquisa. Conhecer meios de produção e oportunidades do mercado de trabalho.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.	Viagem pedagógica a museus, templos, pinacotecas, bibliotecas. Saídas a lugares históricos e/ou eventos culturais.	Conhecer diferentes culturas e formas de expressão; Por meio da arte, perceber a expressão da história de nosso povo.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal,	Atividade avaliativa/reflexiva pós viagem pedagógica.	Escrever um relatório ou redação sobre suas impressões e experiências na viagem pedagógica.



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

<p>visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.</p>		<p>Apresentar, mediado pela arte/design/vídeo, ou apenas pela oralidade, seus aprendizados e descobertas na viagem pedagógica. Produzir vídeo, música, podcast, pintura ou outro produto artístico que represente algo que lhe chamou a atenção na viagem pedagógica.</p>
<p>5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.</p>	<p>Visitar estúdios de televisão, redações de jornal/revistas, empresas de comunicação. Conhecer museus da comunicação.</p>	<p>Analisar de que forma os meios de comunicação influenciam a vida das pessoas. Compreender que as mídias digitais e as Redes Sociais são mídias pessoais, que difundem ideias, pensamentos, produtos e ajudam a mudar (ou moldar) o mundo. Elaboração de um jornal/blog da escola ou da turma.</p>
<p>6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.</p>	<p>Visitar um território indígena. Visitar comunidades rurais, empreendimentos rurais orgânicos e/ou agroindústrias. Visitar empresas, fábricas e/ou centros logísticos; Visitar sindicatos, comércios, bancos, e locais de prestação de serviços.</p>	<p>Observar as diferentes possibilidades de trabalho e renda, pensando em seus talentos e no projeto de vida. Elaborar uma compreensão dos setores produtivos e das possibilidades de trabalho/mercado que estão envolvidos em toda cadeia dos produtos que utilizamos no nosso dia a dia. Conhecer e inspirar-se com a história de pessoas, famílias e/ou cooperativas que empreenderam e obtiveram sucesso na geração de renda e na transformação social. Estudar os direitos trabalhistas e as implicações do trabalho informal. Conhecer os caminhos para a abertura de uma empresa (inclusive uma MEI) e obtenção de crédito para a compra de máquinas e implementos.</p>
<p>7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito</p>	<p>Visitar locais de sua cidade, espaços de trabalho, ruas, praças, rios, comunidades indígenas, quilombolas, locais do poder público, como a Câmara de Vereadores, Prefeitura, Assembleia Legislativa,</p>	<p>Qualquer visita pode dar origem à observação da garantia ou não dos direitos humanos. A análise dos espaços urbanos onde vislumbra-se as moradias populares de uma favela, a poluição dos rios, o acúmulo de lixo, a existência de moradores de rua, crianças trabalhando em semáforos, são</p>



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

<p>local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.</p>	<p>sedes de governos, fóruns, templos religiosos, etc.</p>	<p>exemplos do desrespeito aos direitos humanos e que precisam ser denunciados. Os estudantes podem ser instigados a denunciar esses problemas e a propor soluções como políticas públicas ou ações sociais que visem a garantia desses direitos. O uso das redes sociais e a publicação de conteúdos com essas denúncias e propostas, são possibilidades para o desenvolvimento dessa competência.</p>
<p>8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.</p>	<p>Visitas a ambientes naturais. Realização de trilhas. Visita a comunidades carentes, com observação e intervenções, ajudando essas pessoas.</p>	<p>Momentos de reflexão, autoconhecimento e meditação, valorizando a vida e buscando contato com a natureza. Percepção de desigualdades e do valor do ser humano, pensando e valorizando o que se tem e percebendo que pode-se ajudar o próximo. Rodas de conversa onde expõe-se os sentimentos e fragilidades.</p>
<p>9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.</p>	<p>Visita a comunidades carentes, com observação e intervenções, ajudando essas pessoas. Visita abrigos, asilos e albergues. Visita a comunidades indígenas e quilombolas. Visita a comunidades de migrantes e refugiados. Visita a moradores de rua. Visita a projetos sociais e cooperativas.</p>	<p>Reflexão sobre o valor da vida e do ser humano. Sobre os direitos humanos e a busca pela dignidade. Pesquisa por solução de problemas sociais e coletivos. Propostas de ações sociais e assistenciais. Valorização do diferente, da diversidade.</p>
<p>10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.</p>	<p>Visitas a todos os tipos de locais.</p>	<p>Cuidar das suas coisas em uma saída de estudos. Reconhecer riscos no trajeto. Analisar a importância da coletividade, da urbanidade, do respeito e do cuidado com o meio ambiente, na prática do turismo pedagógico.</p>

Fonte: O autor

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do meio é uma metodologia ativa que tem um potencial infinito para o trabalho pedagógico, pois todos os lugares/ambientes podem tornar-se espaço



XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

pedagógicos. Além disso, possibilita uma apropriação de conhecimento muito mais eficiente, por tratar-se de uma experiência/vivência tangível, não apenas da ordem da imaginação, mas do concreto, possibilitando até mesmo a inclusão de pessoas com grandes déficits cognitivos.

Porém o professor precisa compreender que o estudo do meio não é apenas o momento da “saída” ou “passeio”, mas é o todo de um projeto/planejamento, que perpassa a introdução, preparação, viagem pedagógica e elaboração final de produtos e ou conclusões. Esse método pode e deve ser empregado em todos os níveis da educação, desde a educação infantil até o ensino superior.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2017.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- FOUCAULT, M. Verdade, poder e si mesmo. In: _____. Ética, sexualidade, política: Ditos & escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 294-300. 2004.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GELAMO, R.P. Experiência, educação e contemporaneidade, Marília: Poiesis, 2010. p. 15-33.
- LARROSA, J.B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação. Campinas, n. 19, p.20-28, jan./abr. 2002.
- MARCELINO, N. C. Estudos de lazer: uma introdução. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.
- PAGNI, P.A. Um lugar para a experiência e suas linguagens entre os saberes e práticas escolares: pensar a infância e os acontecimentos na práxis educativa. In: PAGNI, P.A.
- PIZA, D. de T. Estudo do meio como processo pedagógico. Revista Turismo em Análise. São Paulo: ECA-USP, v.3, N1, pág.72, Maio/92